

A CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR FEMINISTA

ESCOSTEGUY, Ana Carolina

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

RESUMO

Este texto recupera, de forma histórica e conceitual, a discussão entre Estudos Culturais e feminismo, especialmente a partir da consolidação dessas perspectivas de análise na Inglaterra. Busca mostrar que a origem dos estudos feministas dentro ou fora dos Estudos Culturais nem sempre é pacífica. Mostra, igualmente, que conceitos como receptores, espectadores ou audiência tornam-se importantes nessas discussões, já que as filiações a determinados modelos de análise indicam um viés que privilegia ora o indivíduo na formação da subjetividade, ora o cultural e o histórico.

Palavras-chave: Comunicação. Feminismo. Estudos Culturais.

1 INTRODUÇÃO

Adquire especial importância demarcar o encontro entre Estudos Culturais e feminismo, especialmente, no que diz respeito ao âmbito da recepção. Sua contribuição tem merecido destaque especial entre as descrições e levantamentos sobre os estudos de recepção apenas recentemente. Antes disso, todo este amplo recorte dos media studies estava incluído na rubrica genérica dos 'novos estudos de audiência'.

"There is, therefore, a tendency in both the 'new audience' critical writing and in the simplifying strategies of the overview to elide feminist reception studies with the much denigrated 'active audience' research. The result is that feminist inspired work is constantly kept on the margins of media studies" (Gray, 1997b).

Entretanto, a expansão do olhar feminista, considerando o cruzamento Entre media e a temática da mulher, vem produzindo uma crítica que examina a representação das mulheres nos meios, os gêneros considerados femininos, as leituras femininas, a espectadora, sua constituição e suas práticas e a audiência feminina. Estes recortes são abordados a partir do estabelecimento de conexões entre modelos oriundos da teoria do cinema, da literatura, da sociologia, da antropologia e da psicanálise.

Mas, antes mesmo de identificar a contribuição de feminismo no recorte específico da recepção, é necessário reconhecer seu papel e função no desenvolvimento mais amplo dos Estudos Culturais. Hall (1992, 1996a) aponta o feminismo como uma das rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada em Estudos Culturais, reorganizando sua agenda em termos bem concretos. Desta forma, destaca sua influência nos seguintes aspectos: a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora

bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria 'poder'; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito; e, por último, a reabertura da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente - psicanálise.

De forma assumidamente deliberada, Hall utiliza a seguinte metáfora sobre a 'irrupção' do feminismo nos Estudos Culturais e, em especial, na vida intelectual do CCCS:

" (...) it's not known generally how and where feminism first broke in. ... As a thief in the night, it broke in; interrupted, made an unseemly noise, seized the time, crapped on the table of cultural studies" (Hall, 1996a: 269).

E, em outro lugar, conta como ele e Michael Green, percebendo a importância das questões em torno do feminismo, convidaram algumas feministas para destravar essa discussão dentro do Centro e como esta tomou forma por si própria.

"At a certain point, Michael Green and myself Decided to try and invite some feminists, working outside, to come to the Centre, in order to project the question of feminism into the Centre. So the 'traditional' story that feminism originally erupted from within cultural studies is not quite right. We were very anxious to open that link, partly because we were both, at that time, living with feminists. We were working in cultural studies, but were in conversation with feminism. People inside cultural studies were becoming sensitive to feminist politics. Of course, what is true is that, as classical 'new men', when feminism did actually emerge autonomously, we were taken by surprise by the very thing we had tried - patriarchally - to initiate. Those things are just very unpredictable. Feminism then actually erupted into the Centre, on its own terms, in its own explosive way. But it wasn't the first time cultural studies had thought of, or been aware of, feminist politics." (Hall, 1996c: 499).

Embora esta versão não seja bem vista pelas feministas tanto para as do CCCS quanto as que trabalham com Estudos Culturais, vale a pena resgatá-la. Representando as feministas e em oposição ao relato de Hall, Brunsdon (1996) nomeia como importantes na reconstituição desta trajetória trabalhos produzidos a partir de 1974, demonstrando assim a existência deste nicho de interesses dentro do Centro.

"The 1974 'Images of women' stencilled paper by Helen Butcher, Rosalind Coward, Marcella Evaristi, Jenny Garber, Rachel Harrison and Janice Winship; the article by Jenny Garber and Angela McRobbie on 'Girls and subcultures' in the 1975 Working Papers in Cultural Studies, Resistance through rituals and the 1978 journal Women take issue all mark different contestation of this field. (...) So if there is a first

phase of the encounter between feminism and CCCS, beginning perhaps in 1973-4, I would suggest that its final text is the 1981 McRobbie and McCabe collection, *Feminism for Girls*, which, in its use of both 'feminism' and 'girls' suggests some distance from the 1970s. This book also marks the end of the first phase with its much stronger sense of problems with the category 'woman' and of difference between women" (Brunsdon, 1996: 278).

Seguindo a reflexão de Brunsdon, uma outra fase estaria caracterizada nos trabalhos individuais produzidos a partir de 1981. É necessário notar que estas primeiras produções aparecem de forma ainda esparsa. Em 1976, influenciadas pelo Women's Liberation Movement, as mulheres do CCCS questionaram sua própria posição dentro do centro de pesquisa e propuseram a criação de um grupo de estudo somente composto por mulheres. Embora fortemente contestada, essa proposição foi referendada.

Reconstituindo, então, de uma outra forma a história do feminismo no CCCS, Brunsdon nega veementemente a versão paternalista de Hall.

"When I first read this account, I immediately wanted to unread it. To deny it, to skip over it, to not know - to not acknowledge the aggression therein. Not so much to deny that feminists at CCCS in the 1970s had made a strong challenge to cultural studies as it was constituted then and there, but to deny that it had happened the way here described" (Brunsdon, 1996: 280).

Nota-se, entretanto, no relato de Brunsdon a problematização da existência de duas esferas nos Estudos Culturais: a comum e ordinária e a feminina/feminista. Mas há um tom de questionamento sobre a propriedade de existir 'em separado' uma versão feminista dos Estudos Culturais. Apesar das divergências na reconstituição dessa experiência, o volume *Women Take Issue* (1978) é considerado o primeiro resultado prático de maior envergadura na divulgação dos trabalhos do Women's Studies Group do CCCS.

Na realidade, este seria originalmente o 110 Working Papers in Cultural Studies, sendo que nas suas edições anteriores, somente pouquíssimos artigos preocupavam-se com questões em torno da mulher. Embora somente algumas pesquisadoras tivessem em contato mais intenso com o Women's Liberation Movement que tinha surgido no final dos 60, revelava-se aí uma primeira tentativa de realizar um trabalho intelectual feminista. A preocupação original deste coletivo era ver como a categoria 'gênero' estrutura e é ela própria estruturada nas formações sociais.

"We would argue that society has to be understood as constituted through the articulation of both sex/genre and class antagonisms, although some feminists would accord primacy to sexual division in their analyses" (1978: 10).

Num primeiro momento, o desafio foi examinar as imagens das mulheres nos meios massivos (1974) e a seguir o debate travou-se em torno da temática do trabalho doméstico.

"More particularly, this shift was seen as an attempt to consider the relation between class and women's subordination at a theoretical level. But in some senses it was a direct next step from the 'Images' paper. Alongside woman as sex object, it was woman as mother and housewife who we had found to be the primary and determining image of the media. More generally this work represented an educative engagement with the difficult economic categories of Marxism." (1978: 13).

Embora este livro tenha dado visibilidade a uma produção intelectual em torno de um projeto feminista, mostrou também as diferenças e fragilidades existentes no grupo. Mesmo assim, demarcou uma área de atuação com especificidade dentro do campo acadêmico, servindo para delinear novos objetos de estudos.

"We are a group of women and men who came together to produce this book with differing understandings of what feminist intellectual work is, and should be. This depends partly on how we understand both 'feminism' and 'intellectual work' as political practices and their relation. We all think that feminist intellectual work is both an intellectual and political engagement within intellectual work. But we differ on whether this is in itself an adequate political practice, and whether political adequacy is a relevant criterion in a direct way for intellectual work. We have different approaches to the relationship between Marxism and feminism in terms of political practice. We differ over what feminism is in terms of whether men can be feminists. Further we differ on whether we should be primarily addressing women or men, and whether it is possible to address both simultaneously, in the same terms" (1978: 13).

Uma segunda produção coletiva importante, *Off-Centre - Feminism and Cultural Studies* (1991), oriunda ainda dos subgrupos temáticos do CCCS, nesse momento já transformado em Departamento de Estudos Culturais, marca o reconhecimento do encontro entre feminismo e cultural studies. Na apresentação do livro, as editoras apontam as marcas de identificação destas duas experiências.

"Both women's studies and cultural studies have in common a strong link to radical politics outside the academy, having their academic agendas informed by, or linked to the feminist movement and left politics respectively. The interdisciplinary basis of each subject has produced consistent and important challenges to conventional

academic boundaries and power structures. Thus, there has been a shared focus on the analysis of forms of power and oppression, and on the politics of the production of knowledge within the academy, as well as elsewhere in society. In addition, both subjects have attempted to challenge some of the conventions of academic practice, such as introducing collective, rather than individual work, encouraging greater student participation in syllabus construction and opening up spaces for connections to be made between personal experience and theoretical questions." (Franklin, Lury e Stacey, 1991: 01)

Através de um mapeamento da perspectiva feminista no que diz respeito a análise da cultura, as editoras desta publicação acabam referendando os aspectos, mencionados por Hall, de intervenção e contribuição do feminismo.

"The shift, for example, from interest in issues concerning ideology and hegemony to those concerning identity and subjectivity can, in part, be attributed to feminist interventions, as well as to the influence of psychoanalysis and poststructuralism. Another area of increasing interest within some strands of cultural studies which can be seen as evidence of the impact of feminism is sexuality" (Franklin et al, 1991: 06).

Estes âmbitos são os mesmos apontados por Hall. Contudo, existe também aí um certo ressentimento pela não-apropriação da teoria feminista pelos Estudos Culturais.

"There are, however, also considerable divergences in interest which suggest a rather different ordering of priorities within feminism and cultural studies. Just as many feminists earlier posed critical questions about concepts such as ideology and hegemony, drawing attention to the ways in which they and the traditions of thought which produced them were gender-blind, there is now caution about the use of concepts such as discourse, deconstruction and difference. In addition, although feminism has influenced cultural studies, there are limits to this influence which are important for what they reveal about the uneven interaction between the two fields. Perhaps one of the clearest indicators of the limits to this influence is provided by the lack of interest within cultural studies in the developments in feminist theories of gender inequality discussed earlier; for example, the models of culture employed within cultural studies have remained largely uninformed by feminist theories of patriarchy. This has produced a number of problems for feminists working in cultural studies."(Franklin et al, 1991: 08).

Em sintonia com o questionamento de Brunsdon, neste texto se reconhece a dificuldade em definir o entendimento 'feminista' de cultura.

"Thus, while feminists have turned to disciplines such as cultural studies for frameworks to analyze the cultural dimensions of gender inequality, and whilst the work of feminists has been influential in both challenging and reworking these frameworks, there are remain substantial difficulties in defining what might be meant by specifically feminist understandings of culture"(Franklin et al, 1991: 11).

Através de um olhar mais metodológico, sobre essas mútuas influências e contribuições, é possível identificar aspectos mais pontuais sobre redirecionamentos causados a partir do desenvolvimento da perspectiva feminista. O olhar feminista desafiou os estudos dos meios que até então vinham sendo feitos onde apenas se valorizava programas noticiosos e de caráter político e público, incluindo, então, análises sobre telenovelas e outros gêneros considerados mais 'femininos'. A família foi identificada como um importante espaço de apropriação de produtos culturais, abrindo caminho para investigações inovadoras sobre as conexões entre vida privada e pública. Enfim, esta perspectiva desafiou a centralidade da categoria classe social na interpretação dos processos de dominação, inserindo a questão do gênero. Em termos de método, a preocupação com a perda da experiência ou agência no discurso analítico, fez com que as feministas utilizassem cada vez mais metodologias que resgatam esse âmbito - a (auto)biografia, o depoimento, a história de vida, entre outras. Encerra este relato sobre a contribuição feminista uma última publicação Feminist Television Criticism (1997) onde se observa de imediato o recorte mais específico da relação entre feminismo e Estudos Culturais: a televisão é o ponto de encontro.

Abordada por viéses diferentes, esta coletânea reúne produção feminista relevante, dos últimos vinte anos, no eixo anglo-americano (UK e USA). O objetivo é mapear a emergência e formação de uma área específica de interesse.

"In this sense, the production of knowledge that we now recognize as 'feminist television criticism' has emerged against the traditional disciplines, but also within a field of unequal power relations among feminist critics in both national and international contexts" (Brunsdon et al, 1991: 01).

Embora o grupo editorial concorde com o argumento de que a produção intelectual feminista deve abordar na contemporaneidade todos os ângulos referentes 'a televisão - notícias, esporte, cobertura política, documentários, etc - inclusive, o âmbito da economia-política, este conjunto de textos continua dando especial atenção aos contornos originais desta perspectiva - os gêneros femininos. Após recorrer algumas avaliações sobre esta temática, acredito que a inserção do feminismo nos Estudos Culturais tem relação com sua promessa de intervenção estratégica na política da vida

cotidiana. Enfim, a preocupação com o momento da recepção continua sendo fundamental em relação com duas problemáticas mais amplas. Uma delas abrange a temática do sujeito, da subjetividade e da inter-subjetividade enquanto a outra, se interessa pela integração das novas modalidades de relações de poder na problemática da dominação. É dessa forma que se estabelece o encontro com a produção feminista. Esta propiciou novos questionamentos em torno de questões referentes à identidade, pois introduziu novas variáveis na sua constituição, deixando-se de ver os processos de construção da identidade unicamente através da cultura de classe e sua transmissão geracional. Mais tarde, os estudos de recepção, realizados, sobretudo, a partir dos anos 90, acrescentam às questões de gênero, as que envolvem raça e etnia.

BIBLIOGRAFIA

ANG, Ien. **Watching Dallas: Soap opera and the melodramatic imagination**. London: Methuen, 1985.

ANG, Ien. Wanted: audiences. On the politics of empirical audience studies. In SEITER, Ellen; BORCHERS, Hans; KREUTZNER, Gabriele & WARTH, Eva-Maria (eds). **Remote control - Television, audiences and cultural power**. London/New York: Routledge, p. 96-115, 1989.

_____. Culture and communication: towards an ethnographic critic Of media consumption in the transnational media system. In STOREY, John (ed.) **What is cultural studies? A reader**. London:Arnold, 1996.

_____ & HERMES, Joke. Gender and/in media consumption. In CURRAN, J. & GUREVITCH, M. (eds.) **Mass media and society**. London/New York: Edward Arnold, p. 307-328, 1991.

BOBO, Jacqueline. The Color Purple: Black Women as cultural readers. In PIBRAM, Deidre E.(ed.) **Female Spectators - Looking at film and television**. London: Verso, p. 90-109, 1998.

BOBO, Jacqueline. **Black women as cultural readers**. New York: Columbia University Press, 1994.

BRUNSDON, Charlotte. A thief in the night: Stories of feminism in the1970's at CCCS. In MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (eds.) **Stuart Hall - Critical dialogues in cultural studies**. London/New York: Routledge, p. 276-286, 1996.

BRUNSDON, Charlotte; D'ACCI, Julie & SPIGEL, Lynn (eds). **Feminist television criticism - A reader**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

BRUNT, Rosalind. Engaging with the popular: Audiences for mass communication and what to say about them. In GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary & TREICHLER, Paula (eds.). **Cultural studies**, New York/London: Routledge, 1992.

CORNER, John. Meaning, genre and context: The problematics of 'public knowledge' in the new audience studies. In CURRAN, J. & GUREVITCH, M. (eds.) **Mass media and society**. London/New York: Edward Arnold, p. 267-284, 1991.

CRUZ, Jon & LEWIS, Justin (eds). **Viewing, reading, listening - Audiences and cultural reception**. Boulder/San Francisco/Oxford: Wetview Press, 1994

DYER, Gillian. Women and television: An overview. In BAEHR, Helen & DYER, Gillian. **Boxed in: women and television**. London/New York: Pandora, p. 6-16, 1997.

Editorial Group. Women's Studies Group: Trying to do feminist intellectual work. In **Women's Studies Group**, CCCS, Women take issue. London: Hutchison, p. 7-17, 1978.

FRANKLIN, Sarah; LURY, Celia & STACEY, Jackie (eds). **Off-Centre - Feminism and cultural studies**. London: Harper Collins Academic, 1991.

_____. Feminism, Marxism and Thatcherism. In FRANKLIN, Sarah, LURY, Celia e STACEY, Jackie (eds) **Off-Centre - Feminism and cultural studies**, London: Harper Collins Academic, p. 21-46, 1991.

FRANKLIN, Sarah et al. Feminism and cultural studies: pasts, presents, futures. In STOREY, John (ed) **What is cultural studies? A reader**. London: Arnold.

GERAGHTY, Christine (1991) **Women and soap opera - A study of prime time soaps**. Cambridge: Polity Press, 1996 [1991].

GILLESPIE, Marie. **Television, ethnicity and cultural change**. London: Routledge, 1995.

GORDON, Deborah. Feminism and cultural studies. **Feminist Studies**, n.21, v.2, p. 363-377, 1995.

GRAY, Ann. Learning from experience: Cultural studies and feminism. In MCGUIGAN, Jim (ed.) **Cultural methodologies**. London: Sage, p. 87-105, 1997a.

GRAY, Ann (forthcoming). Audience and reception research in retrospect: The trouble with audiences. In ALASUUTARI, Pertti (ed.) **The inscribed audience: The new agenda of media reception and audience ethnography**. London: Sage, 1997b.

GRAY, Ann. Behind close doors: video recorders in the home. In BAEHR, H. & DYER, G. (eds) **Boxed in - Women and television**. London/New York: Pandora, p. 38-50, 1987.

_____. **Video Playtime: The gendering of a leisure technology**. London: Routledge, 1992.

GROSSBERG, Lawrence; HAY, James & WARTELLA, E. **The audience and its landscape**. Boulder/Colorado: Wetview Press, 1996.

HALL, Stuart; HOBSON, Doroty; LOWE, D & WILLIS, Paul (eds). **Culture, media, language**. London/New York: Routledge/CCCS, 1980.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary & TREICHLER, Paula (eds). **Cultural studies**. New York/London: Routledge, 1992.

_____. Cultural studies and its theoretical legacies. In MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (eds.) **Stuart Hall - Critical Dialogues in cultural studies**, London/New York: Routledge, p. 262-275, 1996a [1992].

_____. (1996b [1980]). Cultural studies : Two paradigms. In STOREY, John (ed.) **What is cultural studies? A reader**, London: Arnold.

_____. The formation of a diasporic intellectual: an interview with Stuart Hall by Kuan-Hsing Chen. In MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (eds.) **Stuart Hall - Critical dialogues in cultural studies**, London/New York: Routledge, p. 484-503, 1996c.

_____ & SAKAI, Naoki. A Tokyo dialogue on Marxism, identity formation and cultural studies. In CHEN, Kuan-Hsing (ed.) **Trajectories - Inter-Asia cultural studies**. London: Routledge, p. 360-378, 1998.

HERMES, Joke. Media, meaning and everyday life. **Cultural Studies**, v. 7, p. 493-505, 1993.

_____. **Reading women's magazines**. London: Polity Press, 1996.

HOBSON, Dorothy. **Crossroads: The drama of a soap opera**. London: Methuen, 1982.

KUHN, Annete. Women's genres. In BRUNSDON, Charlotte; D'ACCI, Julie & SPIGEL, Lynn (eds.) **Feminist television criticism - A reader**. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1984].

LEE, Minu & CHO, Chong Heup. Women watching together: An ethnographic study of Korean soap opera fans in the United States. **Cultural Studies**, 4 (1), p. 30-44, 1990.

LONG, Elizabeth. Feminism and cultural studies. In STOREY, John (ed.) **What is cultural studies? A reader**, London:Arnold, 1996.

McGUIGAN, Jim (ed.). **Cultural Methodologies**. London: Sage, 1997.

McROBBIE, Angela. The politics of feminist research: Between talk, text and action. **Feminist Review**, n. 12, p. 46-57. 1982.

McROBBIE, Angela. Settling accounts with subcultures: a feminist critique. In BENNET, Tony; MARTIN, Graham; MERCER, Colin & WOOLLACOTT, Janet (eds.) **Culture, ideology and social process - A reader**, London: The Open University, p. 111-123, 1989 [1980].

MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (eds.). **Stuart Hall - Critical dialogues in cultural studies**. London/New York: Routledge, 1996.

MORLEY, David & BRUNSDON, Charlotte. **Everyday television: 'Nationwide'**. London: British Film Institute, 1978.

MORLEY, David. **The Nationwide audience**. London: British Film Institute, 1980.

_____. **Family television: Cultural power and domestic leisure**. London: Comedia, 1986

_____. Changing paradigms in audience studies. In SEITER, Ellen; BORCHERS, Hans; KREUTZNER, Gabriele & WARTH, Eva-Maria (eds.) **Remote control - Television, audiences and cultural power**. London/New York: Routledge, 1989.

_____. **Television audiences and cultural studies**. London/New York: Routledge, 1992.

MUNNS, Jessica & RAJAN, Gita (eds.). Gender studies - Introduction. In MUNNS, Jessica & RAJAN, Gita (eds.) **A cultural studies reader - history, theory, practice**. London: Longman, p. 485-490, 1995.

PIBRAM, Deidre E.. Introduction. In PIBRAM, Deidre E.(ed.) **Female Spectators - Looking at film and television**. London: Verso, p. 01- 11, 1988.

RADWAY, Janice. **Reading the romance: Women, patriarchy and popular literature**. Chapel Hill/ London: University of North Carolina Press, 1984.

REID, Evelyn Cautela. Television viewing habits of young Black Women in London. **Screen**, 30,1/2, p. 114-121, 1989.

SEITER, Ellen; BORCHERS, Hans; KREUTZNER, Gabriele & WARTH, Eva-Maria (eds). **Remote control - Television, audiences and cultural power**. London/New York: Routledge, 1989.

SEITER, Ellen et al. 'Don't treat us like we're so stupid and naive: Towards an ethnography of soap opera. In SEITER, Ellen; BORCHERS, Hans; KREUTZNER, Gabriele & WARTH, Eva-Maria (eds) **Remote control - Television, audiences and cultural power**. London/New York: Routledge.

SPIGEL, Lynn. The suburban home companion: Television and the neighbourhood ideal in Post-War America. In BRUNSDON, Charlotte; D'ACCI, Julie & SPIGEL, Lynn (eds). **Feminist television criticism - A reader**. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1992].

STANTON. Ethnography, anthropology and cultural studies: links and connections. In CURRAN, J.; MORLEY, D. & WALKERDINE, V. (eds.) **Cultural studies and communications**. London: Arnold, 1996.

STOREY, John (ed.). **What is cultural studies?** A reader. London:Arnold, 1996.

TASKER, Yvonne. Having it all: Feminism and the pleasures of the popular. In FRANKLIN, Sarah; LURY, Celia & STACEY, Jackie (eds.) **Off-Centre - Feminism and cultural studies**, London: Harper Collins Academic, p. 85-96, 1991.

THOMAS, Lyn. In love with Inspector Morse - Feminist Subculture and quality television. In BRUNSDON, Charlotte; D'ACCI, Julie & SPIGEL, Lynn (eds.). **Feminist television criticism - A reader**. Oxford: Oxford University Press, 1997[1995].

TURNER, Graeme. **British cultural studies - An introduction**. Boston, Unwin Hyman, 1990.

Van ZONEN, Liesbet. Feminist perspectives on the media. In GUREVITCH, M. & CURRAN, J. (eds) **Mass media and society**. London/New York: Edward Arnold, p. 33-54, 1991.

Van ZONEN, Liesbet. **Feminist media studies**. London: Sage, 1994.

WOLFF, Janet. Memoirs and micrologies: Walter Benjamin, feminism and cultural analysis. **New Formations**, n. 20, p. 113-122, 1993.

Women's Studies Group, CCCS. **Women take issue**. London: Hutchison, 1978.